

## **LEITURA E ESCRITA: ANÁLISE DE UM LIVRO DIDÁTICO E SEU PREPARO NA LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Natassia Contrera<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professora de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação de Bauru;  
natassiac@hotmail.com

### **RESUMO**

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil vem se transformando com o passar dos anos, deixando de ensinar as regras gramaticais descontextualizadas e passando a um ensino da língua como foco, utilizando-a em diversos contextos e respeitando o seu papel de interação social. Neste artigo, será discutida a importância da leitura e da escrita no processo de construção do conhecimento linguístico no aluno, também abordará a importância, fundamentos e técnicas utilizadas nas atividades de produção textual na escola, desde atividades prévias de leitura e interpretação até a releitura e reescrita do texto produzido, sempre enfatizando sua função social, ou seja, o texto que o aluno produz deve ter função social, não apenas para o professor ler e devolver o texto ao aluno, sem ao menos fazer um feedback da atividade. Este trabalho apresenta análise de um capítulo do livro didático “Português: Linguagens”, 8º ano, no qual será comparado o estudo feito no início do artigo com o suporte que ele oferece para os alunos na leitura e produção escrita, de forma que desenvolva a autoria e o letramento dos mesmos, com o objetivo de averiguar se o livro trabalhado na escola está de acordo com esta nova vertente de ensino, focado na leitura e produção textual.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Texto. Atividades prévias. Livro didático.

### **INTRODUÇÃO**

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil tem sido mais eficaz quando a metodologia deixa de ser focada apenas nas regras gramaticais, sem contexto, e passa a priorizar o texto, isto é, o foco do ensino da Língua Portuguesa centra-se na contextualização da língua para o aluno, uma vez que a língua tem o seu papel social. Com base neste conceito, este trabalho aborda a importância da leitura e produção textual do aluno, de modo que ele seja um sujeito autor dos seus textos, não apenas um mero reproduzidor de textos já feitos, ou simplesmente mostrando para o professor que ele “sabe escrever direito” (FUZA; MENEGASSI, 2006).

Ainda há escolas em que a produção textual é feita exclusivamente para o professor saber se o aluno comete erros gramaticais e escreve com coerência e, com isso, o texto não tem o seu papel social, porque não é utilizado com o propósito de divulgação, ou seja, o professor corrige o texto e devolve para o aluno, não faz um feed-back dos erros cometidos, nem o utiliza para interação social (outras pessoas, além do professor e aluno leem e interagem com o texto).

A discussão dessa temática será desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica, no qual o livro didático utilizado nas aulas de Língua Portuguesa do 8º ano de uma escola

pública municipal de Bauru, São Paulo, é analisado. Neste artigo, será analisada a estrutura de um capítulo do livro “Português: Linguagens”, 8º ano, de William Cereja e Thereza Cochar, desde o texto introdutório, as atividades pré-produção textual, produção textual e a parte gramatical, além da análise da explicação e exercícios. Assim, esta pesquisa terá o objetivo de comparar o estudo sobre a importância da leitura e a escrita dos alunos, ou seja, a produção de textos que estimule a autoria dos alunos, verificando se o livro aplicado em sala de aula tem as ferramentas necessárias para tais fins, ou se ele é falho e precisa de um suporte maior do professor, caso ele queira desenvolver a autoria e o letramento nos alunos.

## **1. A importância da leitura**

Desde que a escrita surgiu como forma de registrar a linguagem oral e os pensamentos, ela vem se desenvolvendo e ganhando relevância nas relações sociais, na propagação de informações e ideias. A sua notoriedade ficou ameaçada com o surgimento do telefone e da televisão, mas com o surgimento da internet e dos blogs, e-mails, chats, etc., a escrita voltou a ter grande força na comunicação (BERNARDINO, 2013). O autor ainda ressalta que a importância que a escrita tem atualmente obriga os indivíduos a estarem inseridos neste meio, ou seja, eles devem saber escrever bem, para poderem se comunicar e expressar seus pensamentos de forma clara, desenvolvendo o seu papel social de forma eficaz.

## **2. Produção textual**

Nas aulas de Língua Portuguesa, a produção textual tornou-se essencial para o ensino-aprendizagem do idioma, sendo que é no texto que “a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas, quer enquanto discurso” (GERALDI, 1993 apud FUZA; MENEGASSI, 2007), pois “a partir do texto, o aluno tanto pode aprender a escrever palavras e frases, como ordená-las de modo a produzir algo com conteúdo e qualidade” (FUZA; MENEGASSI, 2007, p. 4).

Geraldi (apud FUZA; MENEGASSI, 2007) declara existir duas concepções distintas de escrita, no contexto ensino-aprendizagem da língua: uma que determina que os textos são “para a escola”, pois o aluno escreve uma redação para o professor ler e atribuir nota, sem demonstrar o ponto de vista e a outra é a denominada “na escola”, a qual é responsável por conter o ponto de vista do aluno no texto, que pode contribuir para o seu papel social e também ser utilizado no trabalho de reescrita.

Em muitas escolas, ainda se produz textos na concepção “para a escola”, em que o aluno escreve unicamente para o professor ler e ter nota, isso gera algumas consequências, como o desinteresse dos alunos pela produção escrita: o aluno escreve apenas para ter nota e para mostrar para o professor que sabe escrever. Outra consequência é a falta de clareza que aparecem nos textos, pois, pela “mecanicidade” da produção textual, ou pela falta de “função social” (apenas o professor lê o texto), o aluno não se dá conta de que seu texto apresenta problemas de entendimento. Além desta produção “mecânica” recorrente nas escolas, Fuza e Menegassi (2007) afirmam que o ensino da gramática descontextualizada, ou seja, ensinam as regras em frases separadas, não como usá-las no texto, também é uma das causas de problemas de coerência e coesão, frequentemente encontrados nas redações dos alunos.

Outra possível causa dos alunos apresentarem problemas no seu texto é o sistema educacional que sobrecarrega o professor, tanto na jornada (muitos trabalham em várias

escolas, com muitas turmas e muitos alunos) quanto nos papéis que ele desempenha na aula, além de ensinar. Brasil (2009) afirma que os professores acumulam papéis de pais, orientadores, psicólogos, além da sua função docente. E também afirma que cai toda a responsabilidade de leitura, interpretação de texto e escrita aos professores de português, inclusive, conforme Buin (apud BRASIL, 2009) estes docentes são responsabilizados pelas outras disciplinas pelo desempenho dos alunos nas mesmas, sendo que

[...] não dá para dissociar as outras disciplinas das atividades de interpretação de texto e nem mesmo culpar exclusivamente o professor de língua materna por dificuldades neste âmbito, pois propor produções escritas, diagnosticar a qualidade dos textos dos alunos ou avaliar o grau de conhecimento por meio de uma produção escrita é atividade integrante de qualquer disciplina. (BUIN, 2006, apud BRASIL, 2009).

Uma terceira falha no processo de ensino aprendizagem da escrita dos alunos é a falta de acompanhamento dos pais no mesmo, “embora devam ser considerados os aspectos econômicos, sociais e culturais em que se encontra a população [...] a função de educar [e acompanhar o desenvolvimento dos filhos] fica totalmente a cargo dos professores” (BRASIL, 2009).

## 2.1 A escola na Produção textual

A escola tem papel fundamental na formação do aluno leitor e, conseqüentemente, escritor, pois mesmo com as suas limitações, algumas delas citadas anteriormente, é o espaço destinado ao aprendizado de leitura e escrita. O professor, por ter contato direto com o aluno, tem o papel de valorizar a importância da escrita como forma de inserção do aluno ao meio em que vive.

Fuza e Menegassi (2007) defendem que o professor deve ser mediador, pois ele tem a chance de encaminhar e conduzir seus alunos para melhor construção do texto, aprendizagem e prática da produção.

O professor mediador facilita o acesso para o aluno a novos textos, novas ideias e, sobretudo, ao letramento, tornando o aluno um leitor. Para que o aluno escreva bem, é necessário que ele leia bastante, pois lendo muito, o aluno tem um amplo conhecimento de mundo e vocabulário. Melo (2011) defende a necessidade dos alunos lerem textos anteriores à proposta de produção textual na sala de aula, pois cria a capacidade de produzir bons textos posteriores.

Para promover o hábito nos alunos de leitura é necessário que eles leiam tudo, isto é, vários textos de diferentes tipos e gêneros, desde o gibi até as redes sociais. Segundo Educablog (2009), a escola deve acabar com a crença de que a biblioteca é o único lugar em que se lê na escola, pois ainda há a crença de que uma pessoa leitora é aquela que lê apenas livros de literatura, ser um leitor não significa que a pessoa leia apenas literatura, pois o indivíduo lê o tempo todo, desde o panfleto de supermercado, livros didáticos, websites, até aplicativos de celular, etc. Cabe ao professor de Língua Portuguesa criar possibilidades de destruir esta crença nos alunos, incentivando-os a lerem tudo e isso os deixarão mais confiantes e motivados a produzirem bons textos.

O aluno que lê, escreve com mais facilidade, pois ele tem o hábito de reler o texto e, caso necessário, fazer correções, além de possuir um amplo vocabulário e conhecimento prévio para escrever. Neste sentido, Melo (2011) afirma que o trabalho de produção escrita

em sala de aula deve ser pautado desde a escolha dos textos prévios a serem trabalhados pelo professor, no diálogo e troca de ideias entre professor e alunos, na produção escrita, na releitura e, caso haja necessidade, na reescrita. Assim, o aluno deixa de ser apenas reprodutor de textos para autor dos seus textos, pois ele tem a liberdade de expressar as suas ideias no texto e também de modifica-las e ajusta-las conforme necessário para que seu texto tenha a sua identidade.

Para as atividades prévias, o professor deve ter em mente algumas questões para planejar a atividade de escrita, as quais são, segundo Geraldi (1993 apud FUZA; MENEGASSI, 2007), “ter o que dizer” (conteúdo), “uma razão para dizer o que se tem a dizer” (justificativa) e “que se tenha para quem dizer o que se tem a dizer” (público-alvo). Estas questões norteiam o professor para o planejamento e este deve deixar claro para o aluno durante o desenvolvimento da atividade.

As autoras também descrevem que as atividades de produção escrita podem ser feitas sem e com atividade prévia de interpretação de textos, isto é, elas criticam as produções sem atividade prévia, pois, como mencionando anteriormente, o aluno produz textos para nota, para mostrar que sabe escrever e não para desenvolver a sua capacidade de ser autor do seu próprio texto.

Nas atividades com textos prévios, Fuza e Menegassi (2007) afirmam que os textos devem ser relacionados ao tema que será produzido pelo aluno. Os textos podem ser um estudo, artigo de jornal, texto literário, ou até mesmo uma brincadeira sobre o assunto a ser desenvolvido. A partir deles, Sercundes (apud FUZA; MENEGASSI, 2007) afirma que podem aparecer duas linhas metodológicas de produção: a “escrita como consequência” (produções resultantes de uma leitura, uma atividade, o aluno escreverá algo relacionado à atividade prévia), e a “escrita como trabalho” (o aluno colocará suas opiniões, independentes das contidas na atividade prévia, ou seja, a escrita é uma construção de conhecimento).

Fuza e Menegassi (2007) também sugerem como atividade prévia as discussões de questões abertas em sala de aula, que se relacionam ao tema do texto e a experiência dos alunos, assim provoca uma enorme troca de informações, sendo possível observar uma “heterogeneidade de vozes”, necessárias para a produção de um texto, pois o indivíduo constrói o seu texto utilizando-se da fala do outro.

Durante a produção escrita, o professor deve deixar os alunos cientes de que o texto a ser produzido não será apenas lido por ele, mas sim por qualquer pessoa.

Entretanto, para desenvolver uma boa escrita nos alunos, é necessário que haja, depois da atividade de produção textual, a reescrita, pois ela permite que o aluno veja os seus erros, reflita sobre eles (o porquê errou), amadurece as ideias do texto, fazendo os ajustes necessários e corrigindo os erros gramaticais, o texto produzido pelo aluno fica muito melhor.

Fuza e Menegassi (2007) afirmam que o aluno, ao reescrever o seu texto, vê a escrita como um trabalho que exige esforço e conscientização de que ao escrever está promovendo o seu desenvolvimento como autor e leitor do texto, uma vez que escreve e lê o que produz, com isto, ele está construindo conhecimento.

Nas aulas, o livro didático tem grande função, pois é o recurso básico utilizado pelo professor e alunos. É através dele que o professor prepara as suas aulas, com os temas e exercícios a serem trabalhados, que são sugeridos pelo livro. Frison et al (2009) ressaltam que, para os alunos, o livro os ajuda a entender melhor a matéria, pois apresenta exercícios diversos, textos e informações novas.

### 3. Análise de livro didático

Nesta pesquisa, é feita uma análise de um capítulo do livro didático “Português: Linguagens – 8º ano” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015), utilizado em uma escola pública no interior do Estado de São Paulo, com o propósito de averiguar se o mesmo está de acordo com o estudo feito neste artigo, isto é, o ensino de Língua Portuguesa focado na leitura e produção textual, desenvolvendo a autoria e a leitura nos alunos.

O capítulo estudado é intitulado “Riso e humor” (p. 57-73) e tem como objetivo principal trabalhar a crítica através de textos como a resenha e tirinhas de humor.

O texto de abertura do capítulo é uma tirinha de Quino “Potentes, prepotentes e impotentes” (2011), no qual não apresenta a linguagem verbal. Para interpretação da tirinha, são feitas quatro questões, sendo que a última é uma prévia do próximo assunto: a crítica (resenha).

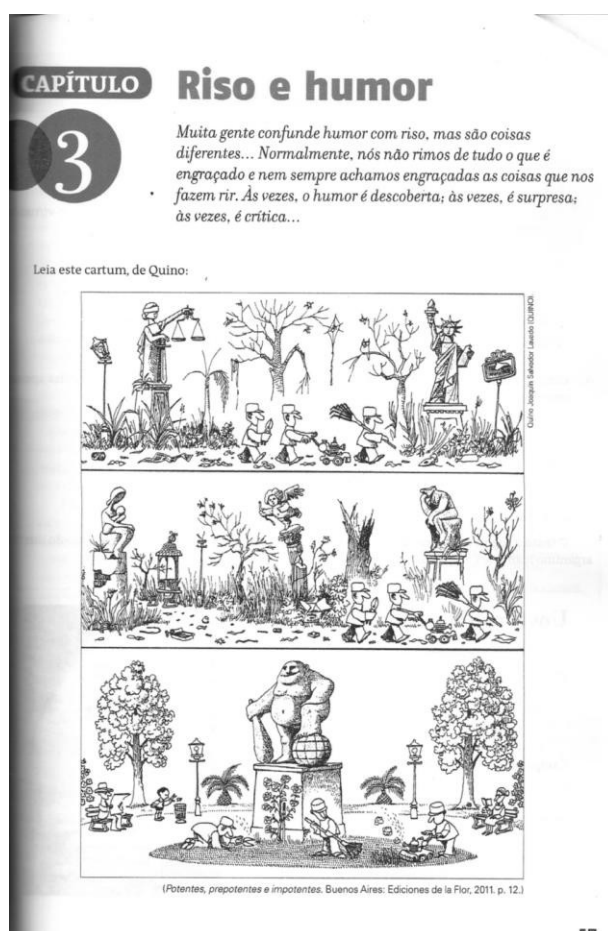


Figura 1: Página de abertura do capítulo, com o cartum de Quino

A segunda seção tem o nome de “Produção Textual: A crítica” e é apresentado o texto “Um time show de bola”, de Marcelo Hessel (2014). O texto é uma resenha do filme do diretor argentino Juan José Campanella, de mesmo nome. E são feitas 11 questões para a

interpretação do texto. As questões indagam o aluno sobre a estrutura e linguagem do gênero crítica, além de reconhecer o público-alvo do texto, o canal que foi veiculado, a intertextualidade e a finalidade da crítica. A última questão faz o aluno refletir e chegar à conclusão de quais são as características principais da crítica. Este texto é a atividade prévia da produção textual do aluno, que está no item seguinte.

6. Uma crítica costuma também contextualizar o objeto cultural em avaliação, situando-o no conjunto das obras do autor ou em relação a outras obras. A crítica lida faz isso quanto à produção do diretor Juan José Campanella? Justifique.

7. Observe a linguagem empregada no texto lido.

a) Em que tempo estão as formas verbais, predominantemente?

b) Que tipo de variedade linguística foi empregada?

8. A que tipo de público se destina a crítica lida?

9. Uma crítica expressa a opinião do crítico que avalia o objeto cultural. Assim, esse gênero pode ser mais pessoal, o que ocorre quando seu autor se coloca no texto de forma explícita, empregando expressões como **Na minha opinião**, **Eu acho que**, **Eu penso que**, etc., ou pode ser impessoal, o que acontece quando o autor se coloca de forma indireta, empregando a 3ª pessoa. A crítica em estudo é pessoal ou impessoal?

10. A finalidade de uma crítica é avaliar um objeto cultural e orientar a escolha do leitor, estimulando-o a consumir ou não esse objeto. Pelos argumentos apresentados em “Um time show de bola”, você assistiria à animação criticada? Por quê?

11. Troque ideias com os colegas e, juntos, concluem: Quais são as características da crítica?

60

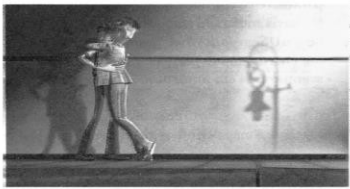


Figura 2: Questões do texto que fazem o aluno refletir sobre o gênero crítica

O “Agora é a sua vez” é a seção do capítulo que trabalha a produção textual do aluno, após ele ter respondido todas as questões anteriores, é pedido para que o aluno, em grupos, faça uma crítica de um livro, filme ou jogo que ele conheça, ou do texto teatral feito por eles anteriormente. O livro também apresenta, elencadas por itens, os passos para escrever a crítica. Logo abaixo, também está elencada a “Revisão e escrita”, que sugere a releitura e reescrita do texto pelo aluno, descrevendo o que o aluno deve observar na releitura e reescrita. Além disso, há a sugestão para os alunos publicarem a crítica no jornal da escola, no blog, em murais, etc.

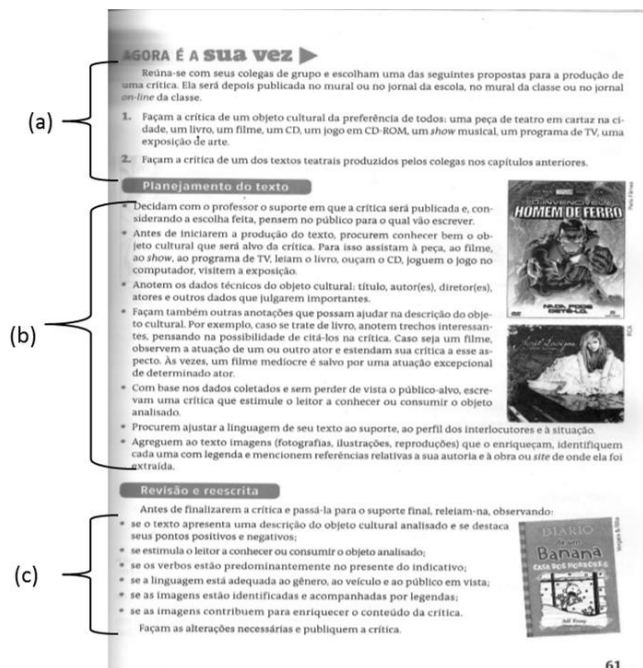


Figura 3: Página “Agora é a sua vez”, com as propostas de produção textual (a); os tópicos passo a passo elencados por itens (b) e a seção “Revisão e reescrita” (c).

Este capítulo aborda o tema gramatical “vozes do verbo”, com a seção “A língua em foco”. Ele apresenta uma tirinha de Fernando Gonsales (2005) com 2 questões como atividade prévia. Depois que os alunos as responderam, é introduzido o assunto, com uma explicação didática e utilizando as frases da tirinha como exemplo. Após esta “explicação” há 7 exercícios de fixação do tema, com manchetes de jornais diversas e fragmentos de texto, que o aluno analisa para encontrar as vozes do verbo e poder responder as questões. Além disso, há mais 15 exercícios com o mesmo tema gramatical.

A última parte do capítulo recebe o título de “De olho na escrita”, que tem o objetivo de ensinar as regras de ortografia aos alunos, neste caso, o emprego da letra “s”, utilizando a música “Emília”, da banda Pato Fu [s/d] para exercícios introdutórios e exemplos e mais 4 exercícios de fixação, posteriormente.

#### 4. Resultados obtidos

O capítulo pesquisado é muito rico em presença de textos de diversos gêneros, com objetivos distintos e em atividades distintas. Isto faz com que o aluno leia diversos gêneros, “dessacralizando” o conceito de que texto para leitura é o da biblioteca.

O texto introdutório do capítulo cumpre muito bem com os objetivos do capítulo, pois leva o aluno a pensar criticamente, mesmo com um texto que não apresenta a linguagem verbal.

Os exercícios, de modo geral, são bem elaborados e, um a um, vai desenvolvendo um conceito no aluno do assunto, ou seja, não é um modo de construção de conhecimento que se passa tudo de uma vez, o aluno vai induzindo os conceitos do tema proposto e, com isso, ele aprende melhor.

As seções que abrangem a produção textual do capítulo são apresentadas em uma sequência bem estabelecida, com temas e textos das atividades prévias em comum e os

exercícios levando o aluno a conhecer a estrutura, linguagem e finalidade de uma crítica. Estas atividades estão totalmente de acordo com o conceito de atividades prévias proposto por Fuza e Menegassi (2007), as quais dão suporte para o aluno escrever com propriedade.

A seção da produção textual em si é bem concisa e didática, pois mostra a proposta de texto e, ainda, apresenta, em tópicos, os passos para a produção textual, ou seja, o aluno as lê e as segue para poder construir o seu texto. Além disso, a proposta de o aluno fazer em grupo e utilizar o seu texto posteriormente no blog, jornal ou mural da escola, significa que o aluno tem a sua autonomia respeitada e é incentivada a interação social.

Outro ponto que vai ao encontro com o conceito de produção textual proposto por Fuza e Menegassi (2007) é a reescrita. O livro apresenta uma parte em que, em tópicos, explica para o aluno o que ele deve atentar-se quando for realizar a releitura e a reescrita.

A parte gramatical do capítulo é extensa, ocupa metade do capítulo, com muitos exercícios do mesmo tema, ainda que feitos com textos diferentes. É a lado negativo do capítulo. O foco na gramática, mesmo que feita a partir do texto, ainda sobressai à produção textual. Neste caso, a leitura é praticada durante todo o estudo do capítulo, mas a produção textual fica apenas no início dele.

## **5. Considerações Finais**

Nas aulas de Língua Portuguesa, a leitura e produção escrita tornaram-se essenciais para o ensino-aprendizagem do idioma, pois “a partir do texto, o aluno tanto pode aprender a escrever palavras e frases, como ordená-las de modo a produzir conteúdos de qualidade” (FUZA; MENEGASSI, 2007, p. 4).

O uso do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa é importante, pois com ele o aluno tem acesso a diversos textos com diversos gêneros e exercícios, para ajuda-lo a construir o seu conhecimento linguístico. O livro “Português: Linguagens, 8º ano” (Cereja; Magalhães, 2015) traz muitos textos de diversos gêneros e trabalha muito bem a produção textual, com ótimas atividades prévias, que induzem o aluno a criar o conceito e a deduzir as características do gênero trabalhado. Dão, também, um bom aporte para a produção textual em si, inclusive sugere que o aluno faça a releitura e a reescrita, como sugerem Fuza e Menegassi (2007), elencando o que o aluno deve observar quando estiver desenvolvendo esta atividade. O lado negativo do capítulo “Riso e humor” do livro “Português: Linguagens – 8º ano” é a parte gramatical ser muito extensa, embora utilizando bons exercícios, o assunto se torna desinteressante.

Portanto, o livro estudado é eficaz, apresenta um bom suporte para o aluno construir o seu conhecimento, mesmo com a gramática extensa. Porém, se o professor não souber utilizá-lo em suas aulas, aproveitando ao máximo este suporte, o conhecimento, a autoria e o letramento do aluno não serão desenvolvidos. O livro é um guia para as aulas, se o professor apenas o seguir, a produção textual continuará sendo feita do modo tradicional. É necessário incentivar, juntamente com os temas e exercícios abordados pelo livro, o aluno a escrever textos com papel social e utilizá-los fora da sala de aula, como objeto de interação com a escola e a comunidade. Assim, os alunos serão preparados para serem cidadãos que saibam utilizar-se da linguagem, sabendo que a sua palavra tem posição na sociedade.

## **REFERÊNCIAS**



BRASIL. **Ensino de redação na escola**: A prática de ensino de português no Brasil. Santa Maria, 2009. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/textos/t15.pdf>> Acesso em 05 nov. 2016.

CEREJA; MAGALHÃES. **Português**: Linguagens, 8º ano. 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

FRISON; VIANNA; CHAVES; BERNARDI. **Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais**. 2009. Disponível em <[postgrad.fae.ufmg.br/postgrad/viiienpec/pdfs/425.pdf](http://postgrad.fae.ufmg.br/postgrad/viiienpec/pdfs/425.pdf)> Acesso em 04 mar. 2017.

EDUCABLOG. **A importância da Leitura e Escrita no Ensino Fundamental**. 2009. Disponível em <<http://educablogconquista.blogspot.com.br/2009/03/importancia-da-leitura-e-escritano.html>> Acesso em 05 nov. 2016.

FUZA. MENEGASSI. **A Escrita na sala de aula do Ensino Fundamental**. Maringá, 2007. Disponível em <<http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/affuza4.pdf>> Acesso em 05 nov. 2016.

MELO. **Produção de texto**. 2011. Disponível em <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/32/artigo235983-1.asp>> Acesso em 05 nov. 2016.

VILARINHO. **Correção e Reescrita**. [s/d]. Disponível em <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/correcao-1.htm>> Acesso em 28 nov. 2016.

VIEGAS. **O papel social da leitura e escrita**: ser alfabetizado é ser letrado? [s/d] Disponível em <[www.filologia.org.br/ixenefil/anais/17.htm](http://www.filologia.org.br/ixenefil/anais/17.htm)> Acesso em 04 mar. 2017.

## **READING AND WRITING: ANALYSES OF A TEXTBOOK AND ITS PREPARATION IN READING AND WRITING PRODUCTION FOR PORTUGUESE LANGUAGE LESSONS**

### **ABSTRACT**

The teaching of the Portuguese Language in Brazil is changing throughout the years; refrain from teaching the grammar rules out of context and going towards having the language taught as a focus, using it in several frameworks and respecting its part in the social interaction. In this article, it will be discussed the importance of reading and writing in the building process of linguistic knowledge of the student, it will also approach the importance, the fundamentals and the techniques used in the text production activities in school, since the previous activities in reading and interpretation until the rereading and rewriting of the produced text, always emphasizing its social function, that is, the text that the student produced must have a social function, not only for the teacher to read and return it to the student, without at least giving a feed-back of the activities. This current study presents the

analyses of a chapter from the textbook “Português: Linguagens”, 8o grade, in which will be compared to the study made at the beginning of the article with the support that it offers to the students in the reading and writing production, in a way that develops their authorship and their literacy, in order to determine if the book that is worked in school is in line with this new aspect of teaching, focused in reading and text production.

**Keywords:** Reading. Writing. Text. Previous Activities. Textbook.